



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

**PAPÉIS DE GÊNERO E POLIFONIA EM *OLHO DE GATO*, DE MARGARET ATWOOD**

**GENDER'S ROLES AND POLYPHONY IN *CAT'S EYES*, BY MARGARET ATWOOD**

Fernanda dos Passos Capparelli<sup>1</sup>

**Resumo:**

Neste artigo, pretendemos discutir os conceitos de gênero e polifonia, utilizando uma narrativa de autoria feminina. Para isso, faremos uma breve abordagem teórica a respeito da temática referida. Em seguida, analisaremos esses conceitos no romance *Olho de gato*, de Margaret Atwood. Esta narrativa é fonte para uma relevante pesquisa sobre os papéis de gênero, visto que a personagem, ao rememorar a infância, demonstra ser desvinculada dos códigos de conduta feminina predominantes em sua época, o que a faz sofrer opressões. Além disso, analisaremos as questões polifônicas, que são muito relevantes na constituição do romance. A narrativa é feita por uma quinquagenária, mas, ao mesmo tempo, traz a voz de uma criança de nove anos em primeira pessoa e no tempo presente. Com isso, podemos notar que a polifonia fica emergente nessa narrativa, com o mesclar das vozes de uma menina inexperiente e de uma senhora que se sente presa no passado, além de trazer outras vozes, das quais a personagem se apropria ao decorrer da narrativa. Para a realização desta discussão, nos ampararemos em um referencial teórico que aborda discussões acerca dos construtos sociais em relação ao feminino e sobre o conceito de gênero como Butler (2003); Hollanda (2019); Wolf (2019) e Lins, Machado e Escoura (2016). Além disso, refletiremos sobre as questões polifônicas vigentes na obra de Atwood, com autores como Bakhtin (1998) e Bezerra (2013).

**Palavras-chave:** Gênero. “Mulher”. Polifonia. Margaret Atwood. *Olho de gato*.

**Abstract:**

In this article, we intend to discuss the concepts of gender and polyphony, using a narrative written by a woman. For this, we will make a brief theoretical approach about the referred theme. After that, we will analyze these concepts in Margaret Atwood's novel *Cat's Eye*. This narrative is a source for relevant research on gender roles, since the character, in remembering her childhood, shows that she is disconnected from the female codes of conduct prevalent in her time, which makes her suffer oppression. In addition, we will analyze the polyphonic issues, which are relevant in the constitution of the novel. The story is narrated by a quinquagenarian, but, at the same time, it brings the voice of a nine-year-old child talking in the first person in the present. With that, we can notice that polyphony is emerging in this narrative, with the mixing of the voices of an inexperienced girl and a lady who feels trapped in the past, besides bringing other voices, which the character appropriates during the narrative. To carry out this discussion, we will rely on a theoretical framework that addresses discussions about social constructs in relation to the female and the concept of gender as Butler (2003); Hollanda (2019); Wolf (2019) and Lins, Machado and Escoura (2016). And to reflect on the current polyphonic issues in Atwood's work, we will use studies from authors such as Bakhtin (1998) and Bezerra (2013).

---

<sup>1</sup> Mestranda do POSLLI, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, da UEG – Câmpus Cora Coralina. E-mail: [fernandacapparelli@hotmail.com](mailto:fernandacapparelli@hotmail.com).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

**Key words:** Genre. "Woman". Polyphony. Margaret Atwood. *Cat's eyes*.

## **Introdução**

Desde que ascendeu no ocidente, ainda na década de 60, o movimento feminista tem sido marcado por transformações pautadas em demandas plurais. Em seus primórdios, o feminismo ainda atendia exclusivamente às necessidades de mulheres brancas e de classe média. Contudo, na contemporaneidade, temos acompanhando o desenho de um movimento completamente heterogêneo, que tem abarcado as distintas dificuldades que as mulheres enfrentam na sociedade. Nesse sentido, podemos citar, dentre uma variedade de pontuações, a desconstrução do conceito de “mulher” como um conceito estanque e fixo. Conforme o feminismo negro tem nos ensinado, as mulheres são distintas e, como tal, experimentam o gênero de maneiras diferentes, daí a necessidade de um olhar interseccional sobre o gênero.

Ao longo da história, as teorias de gênero evidenciaram as distinções entre gênero e sexo biológico, pois, como afirma Scott (2019, p. 54), “[o] gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens”. Logo, percebemos que as práticas e imposições sociais destinadas às mulheres nada mais são do que construções alimentadas pela sociedade e como afirmou Simone de Beauvoir, em sua icônica frase de *O segundo sexo*, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Com isso, temos a intenção de analisar, em uma obra de autoria feminina/feminista, as nuances de uma personagem marcada pelas opressões e transgressões em uma época.

Além disso, visamos, com o romance *Olho de gato*, uma análise sobre as diversas vozes que permeiam a narrativa da personagem Elaine, uma pintora que dividida pelas lembranças da infância, empreende uma busca pela ressignificação de suas identidades, tanto como mulher quanto como artista, porém sem se rotular.

Adentrando o aparato teórico, notamos Butler (2003), que ao estender discussões filosóficas acerca dos atos performativos, explora esses estudos com a teoria da performatividade de gênero. Para a filósofa, o gênero consiste na “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser” (BUTLER, 2003, p. 59). Desse modo, a autora compreende as performances de gênero como atos convencionados e cristalizados nas práticas sociais a partir da repetição. Logo, os papéis de gênero não são pré-discursivos, mas sim construídos ao longo da história sob o prisma de discursos regulados pelo binarismo feminino e masculino.

“O gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 24). Pensando nisso, Judith Butler é uma autora fundamental para compreendermos os conflitos da narrativa *Olho de gato*, ocasionados por expectativas sociais de performances consideradas femininas, pois a personagem desse romance não corresponde aos padrões esperados/impostos pela sociedade de sua época.

Além disso, ainda sobre a opressão e imposição ao gênero feminino, as palavras de Naomi Wolf serão de suma importância para compreendermos o mito da beleza, visto que a



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

autora aborda a construção do ideal de beleza destinado ao feminino, e, como isso, reflete e atinge, negativamente, as mulheres. Wolf (2019) aponta a beleza como heterogênea, diferente do que vem sendo instaurado como modelo social, nas palavras da autora “[a] beleza não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originem de uma Mulher Ideal Platônica” (WOLF, 2019, p. 29).

Ainda, abordaremos algumas questões referentes às assimetrias de gêneros entre o binarismo masculino e feminino, que surgem desde a infância, como o comportamento que se esperam das crianças na escola que “é marcado por expectativas de gênero” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Essas demarcações acentuam divisores e conflitos relativos, o que também poderá ser notado na infância da protagonista de *Olho de gato*.

Com isso, poderemos observar, em *Olho de gato*, como se constituem as opressões sofridas pela personagem principal do romance, abordando as expectativas sociais de beleza e como elas refletem em quem não se apropria delas.

Nessa narrativa mnemônica, em que a personagem reconstrói as memórias da infância e juventude, há, do mesmo modo, uma emergente polifonia, pelo mesclar de vozes da personagem que une passado e presente para descortinar e reassimilar suas identidades.

Pensando nas dispersões de vozes que penetram a escrita de Atwood, é importante notarmos a discussão bakhtiniana a respeito da constituição dos discursos, na qual podemos destacar o diálogo contínuo entre os variados discursos que se penetram, resgatando e entrelaçando os (re)ditos. Ou seja, para Michael Mikhailovich Bakhtin os discursos estão em um diálogo constante.

Assim, notando esse aspecto dialógico de interação incessante dentro dos textos, podemos adentrar a discussão do filósofo acerca da prosa romanesca, na qual Michael Bakhtin (2013) surge com o conceito de romance polifônico, ao analisar a escrita de Dostoiévski, caracterizando a polifonia, nesse sentido, como a coexistência de diversas e dispersas vozes ideológicas que permeiam os romances, junto à voz do autor.

Com isso, podemos evocar, também, as afirmações de Bezerra (2014, p. 194) que destaca na caracterização da polifonia a atuação do autor como “regente do grande coro de vozes” que habitam o romance, mas que, no entanto, permite que essas vozes se revelem e se manifestem no texto.

Sendo assim, pretendemos abordar também, neste artigo, as dispersas vozes que transitam na narrativa *Olho de gato*, e como isso reflete na constituição e interpretações desse romance.

Visto isso, é válido ressaltarmos o desenvolvimento desta pesquisa, que, por se constituir na imensidão do âmbito literário, une uma narrativa ficcional a temas bastante atuais como os estudos feministas e referentes a polifonia. Assim, pretendemos compreender a trajetória da personagem Elaine, que sofre com opressões de gênero, além da análise das distintas vozes que permeiam a narrativa da personagem, com o intuito de observar as nuances do trajeto dela.

**Performatividade feminina nas condutas sociais e relações polifônicas: uma análise de *Olho de gato***



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

A personagem, antes de ter contato com as amigas de infância não tinha uma residência fixa, pois vivia peregrinando com a família, com o intuito de fugir da guerra<sup>2</sup>. Sendo assim, a menina, antes de se mudar para Toronto, não tinha amigos externos e/ou relações com outras pessoas da mesma idade, a não ser pelo irmão Stephen. Então, a personagem, ao se deparar com a primeira moradia fixa e, conseqüentemente, com a escola e com os colegas, se sente confusa em meio às práticas culturais e sociais das meninas de sua época. Com isso, ela tenta construir uma identidade feminina<sup>3</sup>, em busca de uma aceitação na sociedade.

Diante disso, pensando na identidade como um fenômeno construído por meio de nossas experiências, é interessante notarmos que essa construção, para Woodward (2012, p.9), é feita em relação com o outro, ou seja, há uma dependência nessa constituição, como no caso de algumas construções acerca de gênero. Nas demarcações feitas a meninas e meninos, há um divisor construído culturalmente pela sociedade, referente a tarefas, hábitos e brincadeiras destinadas a esse binarismo, o que pressupõe que para ser uma menina há a necessidade de performar o gênero feminino, excluindo aspectos da identidade masculina. Essa demarcação é visível em *Olho de gato*, já que a personagem sofre opressões por ser desvinculada das performances femininas de sua época. Elaine por inocência e inexperiência não sabia lidar com essas imposições, mas sentia a necessidade de pertencer a esse grupo, o das meninas, como é narrado por ela: “Eu nunca tive amigas antes e tenho um medo horrível de perdê-las. Eu quero agradar” (ATWOOD, 2007, p. 132).

Assim, podemos ressaltar que o mundo é, continuamente, dividido entre o binarismo: masculino e feminino, pois desde

[Q]uando crianças, na escola, realizamos diversas atividades e passamos por situações que supõem diferenças entre nós. Pedem-nos para fazer ‘fila de menino’ e ‘fila de menina’ e nas aulas de educação física as atividades são separadas em esportes para meninos e para meninas. Percebemos rapidamente que o mundo é dividido entre feminino e masculino e aprendemos também em qual dos dois lados devemos estar (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 9).

Nesse sentido, notamos as experiências narradas por Elaine que são, conseqüentemente, frutos de normas sociais. As divisões entre meninos e meninas são marcantes e grifadas ao decorrer da narrativa, ressaltando ainda mais uma demarcação por meio desses gêneros, como descreve a protagonista sobre a escola da infância:

Nos fundos há duas entradas grandiosas com detalhes em volta e sobre as portas, gravadas com letras solenes, curvas, as palavras: **MENINOS** e **MENINAS**. Quando a professora toca a sineta no pátio, temos de formar

<sup>2</sup> Segunda Guerra Mundial, que durou até 1945.

<sup>3</sup> No que se refere as construções sociais e culturais da época e espaço em que a personagem está inserida.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

filas de dois por turma, meninas numa fila, meninos na outra, e entrar pelas portas correspondentes (ATWOOD, 2016, p. 57, grifo da autora).

No entanto a personagem estranhava as normas sociais destinadas às meninas, como é relatado por ela: “Não se pode usar calça comprida na escola, só saia. Não estou acostumada com isso, nem a ficar sentada quieta numa carteira” (ATWOOD, 2007, p. 57). Elaine não se adaptava plenamente as regras dessa sociedade, mas, ainda assim, tentava se encaixar.

Durante as brincadeiras com as novas amigas: Grace, Cordélia e Carol, havia uma situação que predominava (para meninas), os recortes de revistas, nesses momentos Elaine escutava:

‘Ah o seu está tão bom. O meu não está bom. O meu está *horrível*.’ Elas dizem isto toda vez que brincamos de recortar. Suas vozes são esganiçadas e falsas; percebo que elas não são sinceras, cada uma achava que a sua própria senhora estava boa. Mas é isto que você tem que dizer, então começo a dizer. Acho essa brincadeira cansativa (ATWOOD, 2007, p. 65, grifos da autora).

Portanto, notamos que a personagem é, de certo modo, resistente ao que lhe era atribuído, pois Elaine não conseguia performar o gênero feminino do modo esperado pelo meio social em que ela estava inserida. A garota, por vezes, tentava, mas acabava se revelando “diferente”, questionado as performances femininas que eram impostas ela:

Nenhuma menina podia usar calça comprida na escola, mas Grace não usa calça comprida hora nenhuma. Então as duas ficam no térreo enquanto eu subo, pelas vigas sem telhado, até o sótão. Sento-me no último andar onde não tem chão, no meio das traves de madeira desta casa de ar, banhando-me no pôr do sol vermelho dourado, olhando para baixo. Não penso em cair. Eu ainda não medo de altura (ATWOOD, 2007, p. 132).

Percebemos ainda o sentimento de subversão da personagem em relação aos construtos da sociedade, o que impulsionou as desventuras que marcaram a infância dela.

Em meio as desventuras de Elaine, há uma outra personagem feminina que teve grande participação nas opressões sofridas pela garota, a Sra. Smeath (mãe de Grace Smeath): dona de uma hipocrisia, quanto a moral e os bons costumes, a senhora que se dizia religiosa e benevolente, era conivente com a violência psicológica sofrida pela menina, ao ponto de dizer, em um diálogo flagrado por Elaine, que as opressões eram um castigo pelo paganismo da garota.

Todos esses episódios marcaram profundamente a vida de Elaine, a ponto de refletirem intimamente na identidade dela como artista. A personagem se tornou uma pintora, e grande parte dos quadros dela tiveram inspirações da infância, principalmente no que diz respeito à negligência e crueldade da sra. Smeath. A pintora produziu várias obras blasfemas, representando uma subversão e iconoclastia, como uma forma expor os sentimentos referentes a essa senhora, que foi conivente e cúmplice diante do sofrimento de Elaine.

As críticas sofridas pela menina eram diversas, sobre o modo como ela se portava perante as pessoas, como ela se vestia, até como ela andava:



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Elas comentam sobre meu almoço, como seguro o meu sanduíche, como mastigo. No caminho de volta para casa, tenho de andar na frente delas ou atrás. Na frente é pior, porque elas falam do meu modo de andar, de como pareço de costas. ‘Não curve os ombros’, diz Cordélia. ‘Não mexa os braços deste jeito’ (ATWOOD, 2007, p. 132).

A personagem era interpelada pelo “mito da beleza”, que nas palavras de Wolf (2019, p. 27) tem “a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor”. Desse modo, notamos que o padrão de beleza é um das remanescentes mais ativos que compõe a mística feminina. Por isso, a relação da personagem com a idealizada (pela sociedade em questão) beleza feminina tornava-a diferente do convencional, pois Elaine pouco se interessava pelos penteados ou roupas que eram tão exaltados pelas suas “amigas”.

Visto isso, notamos que Elaine era sim diferente de suas amigas, e sua diferença não era aceita em seu meio social, o que gerou memórias traumáticas, refletindo amplamente nas identidades da personagem. Portanto, Elaine se torna uma senhora que não conseguiu superar o passado, dando voz frequente a Elaine marcada na infância.

Quanto essas distintas vozes que permeiam *Olho de gato*, notamos, inicialmente, que a narrativa é feita em primeira pessoa pela personagem Elaine, uma quinquagenária, que decide narrar as próprias memórias. A personagem regressa a lugares marcantes da infância, após retornar para Toronto (cidade em que viveu na infância) para fazer a exposição de seus quadros. Com isso, podemos notar a voz presente da menina Elaine, que apesar de ser uma memória, uma reconstrução do passado, também narra no tempo presente, se misturando com a voz da senhora traumatizada:

Chego aos fundos e lá está a colina devastada, com suas poucas árvores. Isso ainda está igual, então. Não tem ninguém lá no alto. Subo os degraus de madeira, fico parada no mesmo lugar onde costumava ficar, onde ainda estou parada, de onde nunca saí. [...] Uma atmosfera pesada me cerca. É difícil respirar. Sinto como se estivesse sendo empurrada contra algo, uma pressão sobre mim, como abrir a porta contra uma tempestade de neve. Tire-me daqui, Cordélia. *Estou presa*. Não quero ter nove anos para sempre (ATWOOD, 2007, p. 410, grifo nosso).

A personagem, ao narrar como criança, utiliza o presente do indicativo, como se coexistissem duas Elaines, a menina de nove anos, que sofre por sua ingenuidade e diferença, e a senhora experiente e marcada pelas recordações da infância, que decide narrar o seu passado. As narrativas se intercalam e se misturam, em uma polifonia, revelando as nuances da personagem, que mesmo aos cinquenta anos, parece ter consigo ativamente a Elaine do passado.

Nessa narrativa há uma união de vozes que se fundem: Elaine criança; Elaine em seu processo de amadurecimento e formação como artista e Elaine como uma senhora que retoma todo esse processo de trauma e amadurecimento, na tentativa de reassimilar todas as experiências, ressignificando as próprias identidades.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Outro aspecto interessante desta narrativa, é que a personagem em diversos momentos prefere não ser rotulada como feminista, se sentindo incomodada quando questionada sobre o assunto, isso fica visível em uma entrevista, na qual Elaine é indagada sobre o movimento feminista ao falar de suas pinturas:

– Bem, e quanto ao, você sabe, ao feminismo? – ela diz. – Muita gente afirma que você é uma pintora feminista. – E daí – digo. – Detesto linhas partidárias, detesto guetos, De todo modo, sou velha demais para tê-lo inventado, e você é jovem demais para compreendê-lo, então que sentido tem essa discussão? (ATWOOD, 2007, p. 102).

No entanto, podemos notar, ao mesmo tempo, que essa é uma narrativa denunciativa, revelando e declarando-se contra o machismo e o patriarcado, pois a escrita de Atwood nos conduz a caminhos reflexivos e questionadores, adentrando o feminismo. Nesse sentido, notamos, mais uma vez, a evocação de distintas vozes que se revelam e dialogam nessa narrativa, na qual a autora tem a posição de

regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas ess[a] regente é dotad[a] de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro ‘eu para si’ infinito e inacabável (BEZERRA, 2014, p.194).

Por fim, é válido ressaltarmos que a personagem após percorrer todo esse trajeto de rememoração e reconstrução de suas experiências, dando voz as Elaines do passado, tem a chance ressignificar as identidades marcadas pelas recordações da infância. Elaine consegue vencer os espectros que a assombram ao oferecer para si mesma a oportunidade de perdoar Cordélia, a “amiga” que foi a chave mestra de toda crueldade, conduzindo as opressões feitas a protagonista:

Sei que ela está olhando para mim, a boca com os cantos virados para baixo sorrindo de leve, o rosto hostil e desafiador. Sinto a mesma vergonha, a mesma sensação desagradável no corpo, a consciência da minha maldade, da minha inaptidão, da minha fraqueza; o mesmo desejo de ser amada; a mesma solidão; o mesmo medo. Mas estas emoções não são mais minhas. Elas são de Cordélia; como sempre foram. Sou mais velha agora, sou mais forte. Se ela continuar aqui, vai morrer congelada; vai ser deixada para trás, no tempo errado. É quase tarde demais. Estendo os braços para ela, inclino-me para a frente, com as mãos abertas para mostrar que não tenho nenhuma arma. *Está tudo bem*, digo para ela. *Você pode ir para casa agora*. A neve nos meus olhos recua como fumaça (ATWOOD, 2007, p. 429, grifos da autora).

Ao, finalmente, evocar a imagem da amiga, inspirada pela cidade da infância, Elaine consegue se libertar e se compreender melhor, enfrentando as dores do passado sob uma nova perspectiva. Assim, Elaine abandona os fantasmas do passado e vê o próprio reflexo, de fragilidade, no espectro da menina Cordélia.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

### **Considerações finais**

O trajeto percorrido pela personagem Elaine revela as opressões sofridas pelas mulheres, devido aos padrões impostos pela sociedade, pois Elaine é subversiva e transgressora, mas também é oprimida pelas suas diferenças. Diferenças essas que são vistas como refutáveis pela sociedade, tanto na escrita denunciadora de Atwood, como em nosso meio social, ainda hoje.

Além disso, esse texto desvenda as vozes que se interlaçam na narrativa de Elaine, revelando tanto uma narradora que milita e demonstra as hipocrisias e crueldades da sociedade em relação as mulheres quanto uma personagem que prefere não se rotular sobre essas questões, mas vivência e refuta os padrões sociais, dando voz aos traumas sofridos na infância.

### **Referências**

ATWOOD, Margaret. **Olho de gato**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. IN: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. IN: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. IN: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014.

**ANAIS**



Simpósio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras

[www.sielli.ueg.br](http://www.sielli.ueg.br)

 **POSLLI**  
Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Linguística e Interculturalidade

 **Universidade  
Estadual de Goiás**  
Campus  
Cara Coralina

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**